

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NOTAS DE LISBOA

6 DE SETEMBRO

(Atrazado na Redacção)

No salão da Câmara Corporativa, inaugurou-se, ontem, solenemente, a X Conferência da *União Internacional contra a Tuberculose*.

Falou em primeiro lugar o Sr. Presidente do Conselho, em cujo discurso notável disse, com razão, «haver mais economia em prevenir o alastramento do mal do que em curar a doença»; em prevenir o alastramento do temível flagelo, melhorando as condições económicas, políticas e sociais em que os homens têm de viver e trabalhar; e subordinando aquelas condições a uma filosofia de dignidade humana, que espiritualize o trabalho e a vida.

A volta destas considerações andou o discurso do sr. Presidente do Conselho—pela razão de ser verdade que o alastramento da tuberculose, como de outros males físicos, não pouco se influem no materialismo filosófico da vida, reflectido nas condições políticas, económicas e sociais do nosso tempo; e ainda pela razão de que os governantes, os que «levam aos ombros a responsabilidade dos povos» e os não atraioam em suas aspirações legítimas, são os «preciosos colaboradores» dos médicos, no debelamento do mal.

Não pode negar-se aos governantes do Estado Novo o cumprimento deste dever: criar melhores condições de vida e trabalho (assim o reconheceu, com elogios, no seu discurso também de ontem, o sr. prof. Bezançon); mas também se não pode negar aos governantes do Estado Novo o intento de espiritualizar a vida dos Portugueses, apontando-lhes a filosofia da vida simples e sã, a filosofia cristã dos nossos maiores.

O *Diário do Governo* publicou, a semana passada, a lei do recrutamento e serviço militar, e a lei da organização geral do Exército—duas importantes leis que uma vez mais revelam o metódico espírito do Estado Novo nas suas reformas de reconstrução nacional, e, *pari passu*, o trabalho efectivo da Assembléa Nacional e da Câmara Corporativa, que não gastam o tempo em parlavório inútil, mas cumprem o seu dever com competência e a consciência de que não existem senão para servir a Pátria.

Dizemos acima que estas duas leis revelam, uma vez mais, o metódico espírito do Estado Novo nas suas reformas de reconstrução nacional—e na verdade: no programa da defeza nacional, começou-se no princípio, na reforma do recrutamento e do sistema de prestação do serviço militar, e na organização geral do Exército; tal como, para a reconstrução política e económica, se começou no saneamento financeiro do Estado.

Estamos, pois, em face de alguma coisa, para que nem todos olham, mas que, como o havia de dizer Salazar, não é senão uma filosofia de governo, que manda sacrificar o accidental ao essencial, o secundário ao importante e urgente, o vistoso ao útil.

Foi o que se fez com estas duas leis—pois, para restaurar as nossas instituições militares, rearmá-las devidamente, havia, primeiro, a necessidade de reformar o recrutamento e o sistema de prestação do serviço militar, e definir os princípios gerais da organização do Exército, assente no conceito de Nação armada.

A. da F.

Doutrinação Eleitoral

Com este título, no número de domingo passado veio publicado no jornal «A Voz», de Lisboa, um artigo do nosso illustre conterraneo sr. Dr. Joaquim Paes de Vilas-boas. Focando, dum modo preciso e claro, matéria de indiscutível oportunidade, a que aquele importante diário deu lugar de merecido realce, a todos os nossos amigos aconselhamos a leitura desse artigo admirável. Dê-le transcrevemos, por mais importantes talvez, as seguintes passagens:

«É posta em execução a nova organica administrativa. Dentro dela, é dada às autarquias locais a posse do governo dos proprios destinos.

E é-lhe conferida essa posse dentro da nova organica porque esta é considerada melhor podendo satisfazer o seu bem estar e aspirações colectivas.

Necessario é, pois, que os corpos administrativos, escolhidos segundo a nova organica eleitoral, correspondam ao sentir geral das respectivas localidades, e que o seu recrutamento inspira aos administrados esse credito de confiança indispensavel para quem governa povos.

É preciso que os corpos colectivos, resultantes das primeiras eleições administrativas, sejam, incontestavelmente, reconhecidos pelos seus administrados como agrupamento dos elementos mais capazes do concelho e da freguesia.

Em regime liberalista de partidos, era facil a função eleitoral dos governadores civis.

Era função eleitoral mais propriamente chamada função eleicoeira.

—Dar força, a direito e a torto, a quem fôsse capaz de conseguir maior agrupamento numerico de votos indi-

viduais, dentro das urnas. Digo, intencionalmente, dentro das urnas, porque, quanto ao processo como lá entravam, isso era indiferente.

No regime do Estado Novo, traçado pelo sr. dr. Salazar, a tarefa assume proporções da maxima responsabilidade, tendo de ser postos em acção todos os recursos de inteligencia, estudo, senso pratico e antevisão política, condicionados pela mais perfeita identificação com a doutrina.

É indispensavel que os corpos administrativos sejam formados por indiscutíveis competencias locais, e, tambem, indispensavel que, os povos que constituem a autarquia, vejam, praticamente, que melhor representação nunca poderia dar-lhes o regime liberalista banido.

Mas não basta a competencia, não basta que a composição do corpo administrativo agrupe os mais aptos da circunscricção, aqueles cujas aptidões toda a gente reconheça, em unanimidade de conceito publico.

Outro requisito importa, e muito mais neste primeiro passo do Estado Novo na organica administrativa.

É o ponto fundamental de que as competencias escolhidas estejam, incontestavel e provavelmente, tambem, integradas, conscientemente, na Ordem Nova.

E não basta só a integração para satisfazer requisito para desempenho de cargos de função dirigente.

Para tal é preciso que tenham a capacidade necessaria para fiscalizar a integração dos que ainda não estejam perfeitamente integrados facilitando, aos de boa fé a orientação dos espiritos e das vontades.

A DEMOCRACIA E A FRENTE POPULAR

Determinou Estaline que os comunistas organizassem a «frente Popular» para defender, pelo menos aparentemente, a democracia. Vejamos o que dela diz Lenine.

«Esta democracia está subordinada à mesquinha organização da exploração capitalista e, consequentemente é sempre, na realidade, uma democracia somente para a minoria, somente para o rico. A liberdade na sociedade capitalista continua a ser, mais ou menos, o mesmo que era nas antigas repúblicas gregas, isto é, liberdade para os donos dos escravos. Os modernos escravos do salário, em virtude da exploração capitalista, estão dominados de tal maneira pela necessidade e pobreza que não têm tempo para se ocuparem de política: no decorrer geral e normal dos acontecimentos, a maioria da população fica destituída de toda a participação na vida pública e política».

É por um sistema económico que Marx classificou pior que o da Idade Média, e por um sistema político, que representa a escravidão do operariado, na opinião de Lenine, que Estaline quer que o proletariado lute.

Mentiras para encobrir a verdade

A burocracia soviética, reconhecida a falência do sistema, procura eliminar os bolchevistas puros para se manter por meio da hipocrisia e do terror.

As massas e para o exterior fala ainda a linguagem marxista, borda considerações a respeito da sociedade sem classes e da construção do socialismo mas a coberto dum formalismo óco vai-se organizando em casta espoliadora com todos os defeitos que os bolchevistas apontam à burguesia.

Os factos obrigam a sociedade russa a evoluir num sentido diferente do previsto pelos fundadores do bolchevismo.

Para ocultar a refutação dos princípios pelos factos os burocratas falsearam as estatísticas não permitindo que qualquer trabalhador russo venha à Europa —países da negregada exploração burguesa—com medo que ele veja e compare.

As «Izvestias» de 6 de Abril passado revelaram um «truc» dos funcionários do cadastro que caracteriza os métodos soviéticos:

«Descobriram-se coisas verdadei-

Como S. Vicente de Paulo

Depois de tantas e tão tristes sudários de miséria moral, que diariamente nos mostram os egoístas e avarentos da nossa terra, d'aquem e dalem Cávado, sente-se na alma uma sensação de bem-estar espiritual ao ler exemplos edificantes como este nos contou o «Jornal de Noticias»:

«Agora por homens de dinheiro...

Quando outro dia dei uma saltada lá cima estive numa freguesia cujo nome não importa e vi passar um padre, rapaz novo, simpático, respirando modestia.

Era o prior da freguesia. Indaguei, por mera curiosidade jornalística, das suas qualidades e do exercício do seu múnus pastoral. E contaram-me maravilhas.

Vive com uma irmã. E tudo quanto ganha é quasi para os pobres.

Dias antes este homem regressava dum enterro e encontrou no caminho, um pobre homem, andrajoso, com uma camisa aos bocados. O padre meteu as mãos aos bolsos mas não encontrou um centavo. Sem se perturbar disse ao pobre de Cristo que aguardasse um instante, entrou numa bouça despiu a batina, tirou a camisa, voltou a vestir a batina, veio ao pobre e disse-lhe: «tome lá. É o que tenho e a mim não me faz falta». Foi o pobre quem contou depois a história.

Quando à tarde me cruzei com este Padre, descobri-me. Passava por mim Alguem que envergonhava a espécie humana do nosso tempo se a espécie humana do nosso tempo pudesse ter vergonha. De que luminosas claridades será feita a alma deste padre?»

Não foi para este, mas sim para outros tourados que o poeta disse:

Estará Deus satisfeito
Com a tua Religião?
De que serve a cruz no peito
Se falta no coração...

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias dos srs.: Carlos Ramos na Rua Barjona de Freitas e José Alves de Faria em Barcelinhos.

ramente misteriosas! Centos e milhares de hectares voltilizaram se e nenhum dia se passa sem que um telegrama do Oeste não venha assinalar o desaparecimento de terras cultiváveis. Em 25 distritos do Oeste 112.369 hectares evaporaram-se. Quando os funcionários são ainda um pouco escrupulosos contentam-se em transformar as terras cultiváveis em florestas ou pantanos. Afirmam-nos que o administrador das finanças dos departamentos do Oeste, o camarada Matie-ranski, falou desta maneira aos engenheiros do cadastro: — Inscrevestes muito poucas terras este ano, no capítulo de florestas e pantanos. Isso não pode continuar assim. Só incluístes 100.000 hectares. Era preciso meter 200.000. Com esta cifra, pelo menos haveria probabilidades de executar o programa de sementeiras do ano».

A mentira e o terror são os grandes fundamentos da Rússia Soviética.

Cartas Espirituais

XXX

Querida amiga:

Como ainda está na ordem do dia o perigo judaico—maçónico, que pretende, pelo terrôr dos seus crimes, conquistar o mundo a ferro e fogo, e lançar a humana gente numa tragica e lugubre convulsão social, volto, hoje, a martelar a tua caridosa paciência, para te fazer nesta uma mais clara explicação do que na minha pretérita carta, que tu me dizes ser inacreditavel e confusa à primeira vista.

Para isso, vou servir-me, novamente, das informações noturnas, que me fornece, pela rádio, o bravo general Queipo de Llano, que impávida e corajosamente continua a denunciar o perigo judaico-maçónico, acusando, alto e bom som, com documentos à vista, e várias informações de fontes insuspeitas, do que se trama contra Deus e contra as nações civilizadas, algumas das quais como a patria de Santa Joana d'Arc, no dizer deste general, já estão em poder e dominio de homens e governos judeus, isto é, de seitas que renegaram a Deus, Patria e Família.

O judaismo, pois, querida amiga, segundo se infere das sensacionais revelações e palestras de aquele general, defensor da Espanha católica nacionalista, e consta das paginas do difuso e confuso *Talmud*, é o fomentador desta guerra de sapa, que vai minando o subsolo do mundo moral e as consciências da gente simples e de boafé, que acreditam nas promessas enganosas dos hipocritas e fariseus.

Como eu desejaria abrir os olhos a estes cegos e cegas do entendimento, para os desviar do caminho do inferno que eles—ó loucos insensatos!—julgam ser o do paraizo...

Odio velho não cansa. Há perto de dois mil anos que o povo judeu anda a monte, faragido e disperso pelos quatro cantos do mundo terraqueo, arrastando a grilheta infamante dos *deicidas*. Semelhante a folhas secas que o vento arrasta num constante vai vem, assim continua errante e vagabundo o povo judeu, perseguido como Caim, pela eterna maldição de Deus!...

É este, querida amiga, é este povo judeu sem Deus, sem Patria e sem Família, que agora, com a colaboração e auxilio do proprio Satanaz, se propõe conquistar o mundo e escravizar as nações, para depois exterminar os cristãos que, segundo se lê no herético *Talmud*, «são filhos do demonio!»

Que os factos estão confirmando os terríveis designios e projectos judaico—maçónicos, prova-o o seguinte dramatico episódio, contado ao *microfone* pelo valente general Queipo de Llano, e logo espalhado pelo noticiario dos jornais. Dizia há dias o general na sua habitual e sempre interessante palestra:

«Em Salamanca, foi hoje executado, por sentença do tribunal militar que o condenou à morte, o governador marxista de Santander, que durante o seu consulado terrorista havia mandado assassinar 1.200 católicos e nacionalistas daquela martirizada cidade, há dias conquistada».

Ouviste, querida amiga? Mil e duzentas pessoas, mil e duzentos martires, mil e duzentas vítimas imoladas ao odio das seitas!!!.

Assim como este abominavel assassino e ladrão tomou à sua conta 1 200 assassinatos, quantos Néros, quantos Escárpias, quantos sapateiros Simão, quantos Estalines, quantos tiranos, quantos verdugos, quantas *Passionárias*, quantas *Tourenhes*, quantas megéras, quantas feras, quantos monstros sádicos ou teratológicos a torturar as almas e a devorar os corpos!...

Deus salve a Espanha para que o nosso querido Portugal se salve com ela...

Nesta luta contra o poder das trevas judaico—maçónicas, às mulheres cristãs está reservada a mais alta e nobre mis-

CRONICAS DA GUERRA

(A' Maria Hermínia, idolatrada madrinha de guerra, agradecendo a medalhinha de Nossa Senhora de Fátima)

O PORTUGUÊS QUE QUERIA MORRER...

Caía silenciosamente e doce aquela tarde de Junho na ardente campina castelhana, quando chegou à companhia acampada na floresta, designado pelo nome hípico de «Quita de Pesares», aquêlê rapazito moreno de olhar vago, perdido no infinito. Eu estava deitado sobre o tapete macio da folhagem, contemplando as evoluções dum nosso aeroplano de caça que vigiava atentamente os movimentos do inimigo. Quando eu estava mais distraído chamou-me alguém no doce idioma de Camões, com acentuado dilecto alentejano. Soergui-me sobre os cotovêllos e vi ao meu lado o mesmo rapazito de há pouco, com o mesmo olhar vago perdido na contemplação de alguma visão obsidiente e longínqua.—Deseja alguma coisa, perguntei, solícito?

—Sim, desejo, conhecê-lo pessoalmente, porque sei que é português—ora como eu também sou português e me encontro entre gente estranha tenho o maior prazer em fazer-lhe companhia, se não tem inconveniente, acentuou.

—Homem! Inconveniente, porquê? Deite-se aí e poderemos conversar à vontade. Deitou-se perto de mim e ao cabo de meia hora tínhamos dito tudo. Até os mais íntimos segredos, aquêlê já esquecidos nos escaninhos do coração, se puzeram ali ao sol.

Micaél, — chamava-se Micaél o pobre amigo — pediu-me para lhe mostrar o acampamento da companhia.

—Até te mostro «vermelhos», se queres, disse-lhe eu. Mostrei-lhe tudo como um bom guia. Aqui e ali legionários sentados entre o arvoredo liam periódicos. Outros liam as cartas das madrinhas (há aqui sujeito que tem quatro)... e em renhidas discussões cada um queria mostrar que a sua madrinha era melhor que a do outro.—Se la mia hasta me há mandado dulces, muchacho.—E la mia! contestava um galego de Orense. E's la chica más guápa de mi pueblo. Eu riame (sabia bem porquê)... ouvindo os rapazes, quando Micaél disparou:—Tem madrinha? E eu indiferente, para despistar.—Então não devia ter? Fomos caminhando a través da flo-

resta. O sol desaparecia no poente. Uma gigantesca pincelada sangüinea manchava o azul purissimo do céu. O clarim chamou com a sua voz vibrante e metálica para a ceia—vamos que são horas.

—Espera, disse eu. Naquêlê momento tive a impressão de que do lado de Madrid se ouvia o ruido dos motores de muitos aviões que se aproximavam. E de facto não me enganei.

Estava eu perscrutando o espaço, quando ouvi um silvo agudo, muito meu conhecido, que se aproximava. Deita-te, tive tempo de gritar! Em seguida um estâmpido enorme, horrível, ouviu-se a uns cincoenta metros de nós. Terra, pedaços de arvoredo e ferro voavam em tôdas as direcções. E outra e outra e outra. Nos intervalos das explosões, fitava o meu amigo que, muito pálido, tremia. Não admirava. Tremem os mais valentes. As bombas deixaram de cair.

Ouviam-se agora as metralhadoras, matraqueando no espaço.

—Levanta-te que vais presenciar um espectáculo grandioso.

Tinha chegado a nossa aviação e atacava as esquadilhas inimigas. Levantamos as cabeças e na quasi obscuridade da noite grande número de aviões lutava ferozmente.

De repente um aeroplano comunista caiu como um bolide.

E outro e outro! Três aeroplanos em menos de três minutos.

Os outros principiaram a debandar como um bando de corvos que não pode agarrar a presa. Terminara a luta. Reinava novamente o silêncio na floresta. Apenas um rouxinol indiferente a tudo cantava melodiosamente. Ceiamos. Apoz a ceia sentámo-nos à porta da minha toca, fumando e conversando. Enquanto o meu companheiro falava, eu fitava as estrelas e o meu pensamento vagueava muito longe dali, por terras de Portugal, numa aldeia onde nasci, amei e sofri muito... Vamos dormir que estou com muito sono—propus eu. E dormimos como dois justos. Deviamos ter dormido poucas horas, quando chamaram—em pé. Marchamos! Em menos de um minuto já estava tudo preparado. Não é

sem certa emoção que se vai para o combate; porque não se sabe o que sucederá. Aqui na Legião é preciso ocultar essa emoção. Quando marchamos para o combate já sabemos o dilema: «Ou vencer ou morrer!» Por isso vencemos sempre. Marchamos, a través dos campos, subindo montanhas e às quatro da manhã já estávamos na posição avançada.

Ouvíamos perfeitamente o inimigo falar. Eu estava sentado na metralhadora, esperando impacientemente ordem de abrir fogo sobre a trincheira em frente. A meu lado, Micaél fumava um cigarro. Com gesto brusco atirou-o para o fundo da trincheira calcou-o com os pés e disse-me placidamente:— Vim aqui, como já te disse ontem, porque quero morrer, mas morrer longe dos meus para que ninguém saiba, em Portugal, onde ficou o meu cadáver. Hei-de morrer hoje! Uma coisa te peço: se vês que sirvo para protagonista numa novela quero pelo menos que não contes nada sobre a influência que essa mulher exerceu na minha vida. Prometes?—Não sejas doido foi a minha resposta. E voltei para o campo inimigo, observando. Micaél calou-se. As sombras da noite iam deslizando-se e as coisas iam tomando formas distintas. Havia calma aquela calma que antecede as grandes tempestades. Cantavam passaritos despreocupados entre o arvoredo. Pelo binóculo via perfeitamente os movimentos do inimigo sem receio de que observassem os meus movimentos, pois tinha o ninho da minha metralhadora admiravelmente dissimulado. O sol iluminava já intensamente o campo onde ia travar-se o grande prélio. Eram sete horas no meu relógio de pulso. Começaram a sair de entre o arvoredo fazendo um ruido surdo, os tanques, mastodontes de aço, que vomitam metralha a arma mais terrível da guerra moderna. Pum! Pum! Zzz... Pum! Pum! O estrondo das granadas abalava o céu e a terra! O inimigo atacava com fúria. E a luta formou-se terrível dantesca! Dum lado e doutro as granadas choviam às centenas. Por todos os lados, se ouvia

Continua na 4.ª página

MISSAS

Na Igreja do Senhor da Cruz foram celebradas missas respectivamente na 6.ª feira e sábado, sufragando as almas da esposa do sr. Capitão João Hermínio Barbosa e do sr. Dr. Manuel Barbosa.

NASCIMENTO

Deu à luz uma menina a esposa do sr. Joaquim Ferreira de Macedo Faria Gayo, a quem felicitamos.

são de propagandistas da Acção Católica. Como as bólas de neve, cada uma de nós deve propagar e defender pelo exemplo, em casa como nas ruas, verbal ou por escrito, esta sagrada trilogia: Deus, Patria e Família.

Propaga, pois, querida amiga, pelas tuas amigas e conhecidas, para que estas por sua vez propaguem a outras que tenham pois, filhos, maridos e irmãos, para que todos e todas sejam igualmente apóstolos e digam a toda a gente e em todos os lugares, o que agora te está dizendo a

Tua Amiga

Maria Salomé

ALTO-FALANTES

Não somos contra nem a favor destes desarmoniosos aparelhos. Sobre o ponto de vista musical, a nossa opinião é declarada neutra, isto é, não somos carne nem peixe. Cada um que coma do que gostar.

Quem gostar destes desafinados em *lá maior*, que bata as palmas e peça *bis*; pelo contrario, quem não gostar destes pandemónios, que tape os ouvidos. Aquilo fez-se para... barregar e... cantar.

Isto, porém, não nos impede de transcrever dum jornal de cultura científica, a judiciosa opinião dum médico português, especialista de doenças nervosas. Fala o médico:

«Como se fossem poucos os ruidos e sonoridades que perturbam, de dia e de noite, o socêgo dos pobres doentes, que só de silencio e tranquilidade precisam para dormir e descansar o espírito, inventou-se mais um instrumento de tortura para aquelas pessoas que sofrem dos neurones e varios outros sintomas de nevropatia, que não vem para aqui classificar.

«Assim, os alto-falantes, mais do que os rádios, são altamente perigosos para as pessoas demasiado sensíveis,

sugeitas a doenças nervosas, quer estas sejam hereditarias ou constitucionais.

«Nas mulheres como nos homens que tiverem uma sensibilidade delicada, a sonoridade vibrante destes aparelhos, exacerba em alto grau o sistema nervoso do grande simpatico, de que resultam cefalalgias perigosas, insónias e... muitos candidatos a neurasténicos».

Se isto não é verdade, os nossos médicos que venham desmentir este colega e mestre.

L. M.

EXAMES

A sr.ª D. Lucília de Azevedo Nunes Pereira, distinta professora de instrução primária, apresentou a exame os seguintes alunos:

1.º grau

Domingos Faria Fontainhas, José António Carmona Magalhães e Analtina Morais de Almeida.

2.º grau

Carlos Eduardo Gonçalves Vaz, Maria da Graça Gomes da Silva e Maria do Carmo Ferreira Martins, (distintos); Laurinda de Oliveira Fernandes e Eurico Pereira de Jesus (aprovados).

Admissão ao Liceu

Carlos Eduardo Gonçalves Vaz e Maria da Graça Gomes da Silva.

PALAVRAS E OBRAS

A Nossa Peregrinação a Fátima

XI

Nazaré à vista!...

Assim como os mareantes, ao aproximarem-se da costa, exclamam alegremente: Terra à vista!... Digamos nós também: Nazaré à vista!...

Humanamente comparada, a Nazaré é uma noiva vestida de galas e louçanias, a quem o mar, num gesto de galanteria e vassalagem, está constantemente a beijar-lhe os pés. Dir-se-ia que esta linda e formosa praia, fôra outrora escolhida por Néptuno, para mansão das anfíbias ninfas e sereias.

Porém, focada artística e picturalmente pela retina dum paizagista, a Nazaré, vista do lado do mar ou do alto do *Sítio*, deu-me a impressão dum grande e lindo cromó, melhor dizendo, duma aguarela, tendo por caixilho a terra e o mar. Cada casinha branca ou de côr, são outras tantas pinceladas de tintas frescas e alácres que nos encantam a vista e os sentidos.

Tenho muita pena de não saber falar ás musas do Parnaso como os nossos consagrados poetas da prosa e do verso, para cantar a praia da Nazaré numa sinfonia de côr e numa rapsódia de beleza, ritmo e grarilidade!...

Quando chegamos a esta pequena mas formosa praia e não menos formosa e tranquila enseada, já o sol—o louro Apólo—se preparava para mergulhar no mar, aparecendo-nos, na manhã seguinte, do lado oposto. Não quiz perder este suberbo espectáculo marítimo, que, embora velho, é sempre novo.

A natureza! Como é bela a Natureza...

E como não ha-de ser, se ela é o pseudónimo de Deus?!

Cansado, fatigado da viagem e da santa vigília passada em Fátima, logo que o sol desapareceu no horizonte, fui-me esconder em val de lençoes, onde já me esperava o benéfico Morfeu, para me oferecer o seu doce e suave narcótico, cujos salutareos efeitos tiveram a duração de trez tranquilas horas.

Nada sei portanto, do que se passou na Nazaré com a nossa caravana dos ex-peregrinos. Todavia, por informações do meu bom amigo e bom católico, sr. José R. Pereira, exemplo e modelo das famílias operarias, soube, na manhã seguinte, que o grande industrial sr. João Duarte, havia oferecido um succulento jantar (eu chamo-lhe ceia) a todos os seus operarios e empregados de ambos os sexos. Nesta ceia ou jantar de confraternização, reinou sempre a boa ordem e alegre disposição, em cujos brindes e discursos dos empregados e operarios, foi louvado e saudado, pelo seu nobilissimo gesto, aquele seu patrão e benemérito industrial.

São oito horas matutinas. Depois dum agradável passeio e visita ás baracas da praia, a esta hora movimentada e alegre, a nossa caravana pôs-se em marcha, a caminho do *Sítio*, em cuja grande e magestosa Igreja o nosso Rev.º Prior e director espiritual da peregrinação celebrou a Santa Missa, no meio da qual todos os fieis comungaram o Pão do Ceu, entre canticos e a recitação do santo terço. Á saída, no escadório do templo, o nosso camarada das letras e habit fotografo sr. Augusto Soucasaux, assestou a objectiva da sua maquina, bateu a chapa, uma... duas... trez, já cá canta o grupo.

Mas estará dito tudo sobre a Nazaré? Não.

Para fechar a crónica, tenho ainda para narrar um episódio agradável e outro desagradável. Primeiro este.

Quando nos dispunhamos a partir, de regresso a penátes, a minha, ou antes, a nossa caminheta resolveu dar

CONTRASTE FLAGRANTE

O sr. ministro do Interior continua percorrendo o País não a fazer propaganda eleitoral porque êsse processo do outro tempo dispensa-o de bom grado o Govêrno, mas para esclarecer os espíritos acerca das eleições para os órgãos sérios que hão-de orientar a política local, política superior do bem-comum, política acima de partidos, política de União Nacional, orientada no progresso da causa pública através das organizações naturais da Nação.

A maneira entusiástica como o sr. dr. Mário Paes de Sousa tem sido recebido em todo o País as manifestações de que tem sido alvo dão bem a certeza de que a ovação compreendendo o pensamento do Govêrno está disposta a corresponder à sua patriótica acção, acorrendo em massa à eleição das Juntas de Frêguesia, acto sério e merecedor do maior interesse que, se fôr bem compreendido, como tudo o indica, será o passo mais definitivo da implantação da República Corporativa, como ainda há pouco o acentuou em Castelo Branco o sr. ministro do Interior.

De resto está neste interesse «desinteressado» passe o termo, a maior garantia de que o acto eleitoral de Outubro irá, não só decorrer na melhor ordem, como constituir mais uma afirmação da profunda seriedade que o Estado Novo põe em tôdas as suas manifestações.

A prova está dada eloquentemente pelas visitas do sr. dr. Mário Paes de Sousa a todos os distritos do País. No outro tempo, um ministro só se deslocaria para fazer propaganda eleitoral, para cantar as belezas sem par do seu partido, do partido que fôsse então o do Govêrno e, principalmente, todos os discursos ministeriaes se cifrariam no despejar sem fim, de promettimentos, promettimentos que nunca mais se cumpriam mas que constituíam o autêntico suborno com que se triunfava em todos os actos eleitorais.

E que acontece agora?

Agora, o representante do Govêrno do Estado Novo nada promete, não traz no bolso elixíres milagrosos, não faz negações com o Eldorado, pelo contrário, vem pedir, quando o costume, dantes, era senão dar, pelo menos prometer, visto que o prometer não custava. Vem pedir a colaboração de todos os portugueses no primeiro grande passo dado pelo Estado Novo na efectivação dos seus objectivos. E todos, mas absolutamente todos, têm obrigação de acorrer ao apêlo do Govêrno.

E não se julgue que, pelo facto de só os chefes de Família serem os chamados a intervir do acto, propriamente dito da eleição, só êles têm obrigações.

parte de doente, sendo preciso reclamar os socorros e assistencia dum mecanico afamado, que só passadas trez horas de cólicas *nostras*, a pôs em condições de andar.

Durante este desagradavel compasso de espera, o que fez o vosso aborrecido e para voz fastidioso crónista, caros leitores? Pôr-se a contemplar, lá do alto do *Sítio*, o temeroso e impressionante espectáculo de belo horrível que se oferece aos olhos dos visitantes que, como eu, sofrem da vertigem das alluras.

Aquela escarpa, cavada pelo mar furioso, é semelhante á espada de Damócles. Só um milagre de equilibrio a suspende e sustem. Um dia, porém, ha-de vir, (o que Deus não permita) em que a desagregação do terreno se ha-de fazer, mercê dum terramoto ou de qualquer outro fenómeno geológico, e, então, a terrível derrocada daquela ameaçadora escarpa sepultará debaixo da grande mole de terra, as casas e a gente da linda e donairoza Nazaré...

Até à semana...

João Calado

Não! E não, porque, no próprio acto de votar o Chefe de Família não é outra coisa senão o porta-voz da opinião de todos os seus, dos filhos, da mulher, dos irmãos, numa palavra de todos os que vivem sob o mesmo tecto, de todos os que constituem essa célula social primária que é a Família. Daí, portanto, o terem todos os membros da Família direitos perante o seu Chefe, que junto da urna não é mais que o intérprete do seu sentir. Mas, a eleição que vai realizar-se, tem um tão profundo significado, que não se limita apenas ao acto simples de lançar uma lista na urna. Porque não há luta de partidos políticos, felizmente de todo, e de vez, banidos, não haverá, também, luta eleitoral, guerra às escâncaras, com insultos e dichotes, tal qual era de uso e costume no outro tempo. Mas, não faltará a guerra surda, processo de toupeiras dos nossos inimigos, dos inimigos do Estado Novo que são os inimigos da Pátria, que por todos os meios e servindo-se de todos os processos, hão-de procurar deminuir a significação do acto que vai realizar-se, hão-de procurar deturpar e apoucar a grande importância das eleições das Juntas de Frêguesia. E hão-de fazer só isto porque não podem fazer mais, porque lhes é impossível levar a cabo outra acção. No entanto temos de contar com êles, temos de nos haver com a sua intriga, com as suas mentiras, com as atitudes em que são useiros e vezeiros. Contra essas atitudes, contra êsses processos, temos nós todos que defender-nos, temos nós todos que lutar, numa luta tão desigual, quanto é certo que o inimigo se serve de processos que nem estão nos nossos hálitos, nem ao nosso alcance, mas, perante os quais só podemos ter uma atitude, como homens do Estado Novo:

Somos em relêvo a importância transcendental do acto que vai realizar-se, fazemos ver a tôda a gente que o acto que vai efectuar-se é o primeiro duma série em que o Estado Novo atinge a sua completa estrutura social e jurídica em que a Família e ao individuo se dão direitos até agora nunca usufruidos, graças aos quais acabou o endeuzamento dessa mentira a que chama a Liberdade, mas começou o respeito mais levantado por tôdas as liberdades justas do Homem, membro da sociedade, factor real de cooperação na obra construtiva de que ninguém pode alhear-se. Tanto quer dizer que foi a enterrar, de vez, o tempo dos palavões sonoros, ócos e falhos de sentido e verdade, para começar a época das realidades vivas. Neste contraste flagrante se evidencia a nossa razão.

OPINIÃO DE PRIETO

Disse há dias o Indalecio Prieto, actual Ministro da Guerra do Govêrno de Valência, que na Espanha venceria a guerra quem tivesse a retaguarda mais sã. Os acontecimentos de Barcelona, a substituição de Caballero por Negrin e a recusa dos organismos sindicais em colaborar com o govêrno dêste, a prisão dos trozkystas, a suspensão dos jornais anarquistas, a fiscalização das emissoras das organizações operárias e a ocupação pelos anarquistas coligados com os elementos da 4ª Internacional, de algumas cidades da Catalunha—diz-nos a ordem que reina na Espanha vermelha. Em face desses factos e applicando o critério de Prieto, é fácil prever quem sairá vitorioso da contenda.

Nestes termos, a declaração de Indalecio Prieto corresponde a uma autêntica confissão de derrota. O astuto politico provavelmente emitiu essa opinião para que amanhã não lhe pudessem ser assacadas responsabilidades na derrota, como Ministro de Guerra.

A CASTA COMUNISTA

Existe uma Rússia maravilhosa para mostrar aos simpatizantes pela «In-turist» com campos de experiência genética, «Kolkoses» modelos etc., a qual não está em relação com o baixo índice de vida dos trabalhadores e com as fomes periódicas que assolam o país.

No geral, o camponez só trabalha na propriedade colectiva sob a ameaça de prisão, do destêrro ou de fuzilamento, porque sabe que é obrigado a fornecer ao Estado o trigo que êste vende transformado em pão pelo dôbro do preço que comprou o cereal.

As «Izvestias» de 30 de Março aludem a uma greve de sementeiras:

«O belo tempo tão favorável aos trabalhos dos campos não foi aproveitado. Os ritmos de sementeiras estão abaixo de tudo. Em todos os territórios da União somente 2.227.000 hectares foram semeados contra 8.268.000 do ano anterior. Apesar disso quantos discursos não ouvimos durante o inverno sobre a «emulação socialista»! Curiosa emulação que assinala como objectivo as cifras mais baixas!»

Que interesse pode mover os camponeses russos a dedicarem-se ao duro trabalho da lavoura se o Estado o espolia, os comunistas os consideram como inimigos da classe e êles se sentem escravos duma burocracia esmagadora—verdadeira classe priverligiada.

Como diz Trotzky: «a categoria social que sem fornecer trabalho manda, administra, distribue os castigos e as recompensas (não incluindo os professores) deve ser avaliada em cinco ou seis milhões». E' necessário ainda juntar a esta cifra já de si imponente cinco ou seis milhões de individuos que constituem a aristocracia operária com as respectivas pessoas de familia, essa nova classe prefaz um total de 25 milhões de conformistas bem reconfortados.

E Trotzky conclue: «Estamos em presença duma exploração dos camponeses pela burocracia actual já não na qualidade de agentes do Estado mas na de «landlords» semi-feudais».

E' esta a grande revolução bolchevista que teve por fim emancipar os trabalhadores e acabar com as diferenças de classe!

Colégio Alcaides de Faria

BARCELOS

Curso Geral dos Liceus

Exame de Admissão

Alunos externos,

semi-internos

e internos

A-pesar da sua nova instalação no magnifico edificio onde funcionou o Colégio de Santa Ana, no Bemfeito, não modificou os preços anteriores que estão ao alcance de tôdas as familias.

Procurador Correia — mudou a sua residencia e escritorio para a Rua Infante D. Henrique, em frente ao monumento de D. Antonio Barroso.

CRONICAS DA GUERRA

Continuado da 2.ª página

o silvo agudo e arrepiante da metralha. Uma granada levou pelo ar a cabeça dum legionário que estava a dez passos de mim. E ele saiu a correr, sem cabeça com a espingarda na mão até cair, tinha andado uns cinco metros. A Parca, pairando sobre o campo ria clinicamente.

Sobre a minha cabeça passavam continuamente projectis e mais projectis. O campo estava coberto de fumo e do estrondo das granadas. Num frente de dez quilómetros lutava-se heroicamente da nossa parte. Não se ouvia nada. Era preciso gritar as ordens aos ouvidos. Os tanques não se aproximavam com receio das granadas de mão e das garrafas de gazolina — o processo mais eficaz para caçar tanques que se conhece.

Entreteinhavam-se a destruir-nos os parapeitos para facilitarem o assalto da sua infantaria. Eu seguia com atenção febril, o dedo crispado no gatilho da metralhadora, os movimentos do inimigo.

Começaram a recuar os tanques, porque à minha esquerda já ardia um. E recuaram sempre, sempre até desaparecerem entre o arvoredo. Foi então que a infantaria iniciou o ataque.

Eu tinha o meu parapeito destruído, mas isso era um caso secundário.

A eles! A metralhadora começou a matraquear furiosamente, como se a minha fúria destruidora se lhe tivesse transmitido.

O inimigo vinha em vagas de assalto à estilo guerra Europeia.

Tôdas as metralhadoras atiravam a um tempo. E os inimigos amontoavam-se no mesmo lugar. Não havia quem passasse aquela barreira de fogo. — Que não passe um; gritava um alferes! — Munições, Micael — dá-me munições. E Micael, nervoso satisfazia o meu pedido. A metralhadora, por fim cansou-se. Uma granada de 12,cm40 destruiu-a completamente e eu fiquei totalmente coberto de sacos de terra. Depressa me desenterraram.

Felizmente tínhamos muitas granadas de mão. E quando o inimigo tentou avançar, Micael em pé sobre o parapeito indiferente às balas que lhe caíam próximas, herói como um defensor de Troia, alçou-se sobre o parapeito e arrojava bombas incansavelmente sobre o inimigo que retirava. O sol declinava já para o poente. A batalha durava o dia inteiro sem interrupção. Micael saltava já fora do parapeito, arrojando bombas, buscando a morte, como desejava. E a morte veio. Uma bala entrou-lhe um

pouco abaixo da clavícula esquerda. Chegou à trincheira cambaleando. Abraçou-me e com os olhos vítrios na contemplação dum outro mundo balbuciou: — Escreve-lhe e diz-lhe que morri, porque ela assim o quiz. Que o saiba. Adeus... até...

E ficou inerte nos meus braços. O meu coração endurecido em tantas batalhas comoveu-se ante aquêlê corpo pequenino moreno, que sacrificara a vida por uma mulher. Duas lágrimas correram-me pela face coberta de pó e sangue. A noite cobriu mais uma vez com o seu manto negro a terra. O luar iluminou docemente vivos e mortos, num beijo caricioso.

Beijei o pobre amigo de dois dias e retirei-me para dar entrada pois estava ferido. Quando descia a montanha ouvi ao longe a voz dum legionário, cantando dolentemente, na noite o «Novio de la muerte»:

Nada no Tércio sabia
Quem era aquêlê legionário
Tão audaz e temerário
Que na Legião se alistou!...

E logo a voz se calou para se fazer ouvir mais longe, soluçando:

Quando o seu cadáver recolheram
Dentro do peito encontraram,
Uma carta e um retrato
Duma divina mulher...

Nunca aquêlê versos me comoveram tanto. Uma carta e um retrato!... Li aquela carta e aquêlê retrato, e mo eu guardarei sempre estas reliquias — o segredo da morte do pobre Micael que dorme o sono dos justos sob a terra castelhana!...

Frente de Aragão, II Ano Triunfal 2-IX 937.

A. Perelra Batista
Legionário

Nota da Redacção — António Perelra Batista é um barcelense que, há alguns meses, deixou a paz da sua aldeia, a tranquilidade do Vale do Tamel, para satisfazer o desejo de cooperar na guerra que se trava na Espanha entre os princípios da civilização cristã e o comunismo internacional.

As impressões que nos envia agora e que promete continuar a transmitir-nos, vão por certo interessar os leitores do «Noticias de Barcelos». Trata-se de um nacionalista e de um barcelense que nos descreve alguns episódios da luta em que participa.

Que Deus o proteja e abeução o sacrificio que voluntariamente se impoz!

Câmara Municipal de Barcelos

FOROS

Avisam-se os responsáveis pelo pagamento de foros á Câmara Municipal que estes se encontram em cobrança durante o mez corrente, crescendo os juros de mora durante o período das operações preliminares do relaxe.

Em 30 de Novembro proceder-se-á á cobrança coerciva dos que não tiverem sido pagos voluntariamente.

Barcelos, 20 de Setembro de 1937.

O Presidente da Comissão Administrativa,

a) Miguel Gomes de Miranda

BLOCO BARCELOS, LIMITADA

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA)

Telefones: (27—BARCELOS 38—PORTO-FOZ 881—COIMBRA)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, **Fabrica de Serração** soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

Emigração subsidiada para o Estado de São Paulo (Brazil)

AVISO

São avisadas tôdas as famílias inscritas para embarcarem para São Paulo-Brazil e que estejam em condições de pagarem tôdas as despesas de passaportes, a comparecerem, com urgência, na Administração do Concelho de Barcelos, a fim de receberem instruções, ficando também desde já avisadas que cada família terá de depositar, antes de ser sujeita a exame médico, nos representantes em Barcelos do Banco Borges & Irmão, Banco de Barcelos, ou na Casa José Pereira da Quinta, a importância de 100\$00 á ordem do sr. Manuel Couto, Delegado-Representante Geral da Companhia «Itaquerê», em Portugal, e que os exames médicos se realizam na Administração do Concelho ás 14 horas do próximo dia 30.

Barcelos, 22 de Setembro de 1937.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

EDITAL

Manifesto da produção agrícola de trigo (mole e rijo), centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro, alfarroba, amêndoa, avelã, noz e uva de mesa.

Faço público que, nos termos do decreto n.º 26.408, o manifesto da sementeira e plantação dos produtos acima mencionados deverá ser feito pelos agricultores desde 1 de Julho até 30 de Setembro.

Nas regedorias dêste concelho distribuem-se pelos proprietários que lhos requisitarem os impressos para o referido manifesto.

Os transgressores dêste edital ficam incursos nas penalidades da lei pela falta de declaração ou pela declaração falsa.

Barcelos, 21 de Setembro de 1937.

O Administrador do Concelho,
a) Francisco José Monteiro Torres

EDITAL

Eleição das Juntas de Frèguesia

Miguel Gomes de Miranda, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Barcelos:

No uso das atribuições que me confere o n.º 63 do art.º 79.º do Código Administrativo, e nos termos do disposto no Decreto-lei n.º 27.995, de 27 de Agosto do ano corrente, designo o terceiro Domingo do mês de Outubro, proximo, dia 17, para as eleições dos vogais das Juntas de Freguesia.

Cada freguesia constitue uma assembleia eleitoral, devendo as respectivas mesas organizar-se pelas nove horas.

Paços do Concelho de Barcelos, 20 de Setembro de 1937.

O Presidente,

Miguel Gomes de Miranda

Campo — vende-se

Na frèguesia de Viatodos, em frente ao Campo da Feira e á estrada de Macadão, vende-se um campo próprio para negócio ou habitação.

Este campo é posto em leilão no dia 26 do corrente.

EM PERELHAL — VENDE-SE

Em frente á igreja, vendem-se ou alugam-se duas casas, com eirado, juntas ou em separado. Também se vendem ou alugam-se mais predios. Falar com o proprio — Manoel José Barbosa.

Electrolux Ld.^a

Se o nosso representante ainda não o visitou, peça V.º Ex.º por um bilhete postal esclarecimentos sobre os nossos:

Frigoríficos a petróleo
Aspiradores de pó
Enceradoras eléctricas e
Dascalificadores de água.

Praça da Liberdade, 123 — PORTO

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos:

Amanhã — as sr.ªs D. Ludovina Júlia de Menezes Carvalho e D. Maria del Carmen Ferrer Garcia Marinho da Silva e o sr. Dr. Fernando Moreira.

Sábado — a menina Maria da Glória Vieira Duarte.

Domingo — o sr. Tenente Júlio Augusto de Andrade Faria e esposa sr.ª D. Julia da Conceição Barbosa Faria.

Dia 28 — a sr.ª D. Maria da Conceição Guimarães Vale e o sr. Luiz Novais.

Dia 29 — a sr.ª D. Casimira Maciel Vieira de Castro.

Vasilhas para vinho

Vende-se diversas, de vários tamanhos.

Para tratar, com Francisco Lopes da Silva — Largo da Estação — Barcelos. Telefone n.º 136.